

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA, UM POETA EDITOR DA LÍRICA DE CAMÕES

Micaela Ramon

Universidade do Minho – Centro de Estudos Humanísticos
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos
micaelar@ilch.uminho.pt

Abstract

Fernão Rodrigues Lobo Soropita started camonian studies with his critical forewords to the *princeps* edition of the Camões's *Rhymas*, and he has also been a poet whose literary personality shows intrinsic qualities that deserve critical acknowledgement.

In this article, we will review some texts of this scholiast-author, in order to highlight the deep intertextuality of his work with the poetry of Luís de Camões, emphasising mainly the recourse to the transformation of camonian literary models through satiric and comic, this procedures being recognisable not only as typical of the author's style but also a mark of mannerism.

Keywords: Camões, camonian studies, Lobo Soropita, parody

Fernão Rodrigues Lobo Soropita faz parte daquele grupo de autores da geração imediatamente posterior à de Luís de Camões que são hoje pouco conhecidos e pouco estudados, já que o correr dos séculos se encarregou de os relegar para lugares afastados do centro do cânone da literatura nacional. Trata-se, com efeito, de um escritor que, como tantos outros do seu tempo, não procedeu em vida à publicação da sua obra,¹ vindo a maior parte dos seus escritos a ser dada a público em letra de forma postumamente por ação sucessiva de diversos editores dentre os quais se destaca Camilo Castelo Branco que, em 1868, se decidiu a partilhar com o público a “porção, que [possuía], de manuscritos de Fernão Rodrigues” (Castelo Branco, 1868, p. XXI, *sic*), retirados do cartório do mosteiro beneditino de Tibães muito provavelmente antes de Alexandre Herculano, “encarregado de transferir e inventariar os papeis e livros d’aquelles riquissimos archivos e biblioteca” (*Ibid.*, p. XXXII), ter tido conhecimento deles.² Con-

¹ Para além o *Prólogo às Rhymas* de Camões, Diogo Barbosa Machado apenas indica a data de 1597 como data de publicação da *Informação de direito oferecida por parte de Francisco Correa no feito, que tras com D. Manoel de Attayde sobre a sucessão da Villa de Bellas, e frutos do morgado, de que a dita Villa he cabeça*, acrescentado tratar-se de publicação feita em Lisboa, pelo mesmo editor das *Rhymas*. Em relação à obra poética de Soropita, Barbosa Machado apenas informa: “Compoz além de muitos versos de diferente metro, em que fez patente a elegante afluencia da sua Musa” (Machado: 1747, tomo II, p. 53).

² Camilo Castelo Branco aventa a hipótese de os manuscritos terem sido levados do mosteiro provavelmente por algum monge na tentativa de salvar algum do espólio de Tibães aquando da extinção

tendo o manuscrito que Camilo publicou apenas 21 textos em prosa e em verso,³ durante o século XX foram dados a conhecer novos inéditos do autor quer através da edição fac-similada do manuscrito do *Cancioneiro Fernandes Tomás*, publicado em 1971 sob os auspícios do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa, quer por ação de Isabel Almeida que faz incluir uma seleção de poemas de Soropita na antologia da *Poesia Maneirista*, publicada em Lisboa, em 1998, pela Editorial Comunicação. A obra completa do autor foi impressa apenas em 2007 como produto da investigação levada a cabo por Maria Luísa Linhares de Deus na sequência da sua dissertação de Mestrado.

São escassas as informações que permitam traçar uma biografia de Lobo Soropita, acompanhando-lhe a trajetória existencial. Diogo Barbosa Machado, fonte sempre proveitosa nestas matérias, pouco adianta sobre questões relacionadas com o nascimento, a origem familiar, a data de morte ou os acidentes da vida deste poeta, reproduzindo apenas, no artigo que lhe dedica na *Bibliotheca Lusitana*, informação retirada do comentário de Faria e Sousa às *Rimas* de Camões, no qual são enaltecidas as suas qualidades como homem de leis, como poeta, como político e como cortesão:

Fuè hombre famoso en la Juriprudencia, insigne advogado em Lisboa, nõ de los que solo manejan lo severo de las Leys, y Forense de la abogazia; mas de aquellos que com luzido ingenio saben salir de essa cazi mecânica a los cultos jardines, y reguladas fuentes del Pranaso com el apacible caudal de las buenas letras, como lo supo este Varon no menos docto en ellas, y en la urbanidade, y en la política. (Machado, 1747, tomo II, p. 53)

Às notícias dadas por Barbosa Machado, Inocêncio Francisco da Silva acrescenta outras pouco precisas sobre o local do seu nascimento e sobre o período em que terá vivido:

Fernão Rodrigues Lobo Soropita, como diz Barbosa, ou Surrupita, como outros o appellidam, Jurisconsulto e insigne Advogado em Lisboa, d'onde parece ter sido natural; floreceu nos fins do seculo XVI e principios do seguinte. (Silva, 1859, tomo II, p. 291)

das ordens religiosas masculinas, em 1843, e consequente venda em hasta pública da quase totalidade do património da casa-mãe dos beneditinos: “[...] o saber do douto commissario ás livrarias monacaes faz-nos força a antes crer que antecipadamente a s. ex.^a já lá tinha remexido mão de egresso, ainda não convencido do legitimo direito com que o estado tirou aos frades a casa, os livros e os manuscritos que eles haviam feito. O egresso pensaria ineptamente; mas certo é que toda a needade tem sua logica. O corolário d'elle foi – Deus lhe perdoe! – apanhar aquelle e muitos manuscritos de que nós, em que peze ao estado, nos consideramos legalissimo dono” (Castelo Branco, 1868, p. xxxii).

³ Há erros na numeração dos textos da edição que consultámos, pois o texto que deveria ter o n.º VI surge com o n.º IV e há dois textos aos quais é atribuído o n.º XVIII.

Camilo, no prefácio a *Poesias e Prosas Inéditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, ensaia uma biografia a partir da leitura que faz de informações contidas nos manuscritos que possuía⁴. É assim que, contrariando Inocêncio, aponta Leiria como terra natal de Soropita, dando o “auctor da *Côrte da aldeia* [como] proximo parente de Fernão Rodrigues” (Castelo Branco, 1868, p. XIX); reitera a sua formação em leis e o exercício da advocacia em Lisboa, acrescentando que Lobo Soropita terá estudado em Coimbra;⁵ avança com a hipótese de que Soropita e Camões se tenham conhecido pessoalmente: “Conhecer-se-iam, o sublimado genio, o proscrito da felicidade, e o moço que lhe colheu na sepultura novas flores, perpetuas que lhe enrançou no diadema? Uma dôce intuição nol’o afirma” (*Ibid.*, p. XXI); dá conta dos seus trabalhos literários, acompanhando-lhe o labor até 1606, ano apontado como data provável da escrita da peça intitulada *Párrafo notavel sobre as Barbas d’esto mundo*.⁶ A partir desta data, o editor confessa que “D’aqui ávante nada temos que nos alumie senão o bastante para uma quasi certeza de que Fernão Rodrigues foi muito desafortunado em seguimento de vicios, e prodigalidades do muito que teve e desbaratou” (*Ibid.*, p. XXVIII). Ainda assim, Camilo faz referência à possibilidade de Lobo Soropita ter coincidido com Fr. Agostinho da Cruz no convento da Arrábida, aventando a hipótese de que tenha mesmo inspirado a personagem de “Laurino” da égloga intitulada *Do tempo que trouxe um á Religião* escrita pelo irmão de Diogo Bernardes. Termina a resenha biográfica afirmando a certeza da conversão de Soropita⁷ e confessando a impossibilidade de decifrar o enigma da data da morte do primeiro editor de Camões.⁸

⁴ “Dos manuscriptos de Fernão Rodrigues Lobo iremos tirando inducções para a fugitiva biografia que vamos bosquejar”, informa Camilo Castelo Branco, para mais adiante acrescentar: “Sem embargo do atino de quem lê, onde as nossas ilações lhe pareçam escuras ou forçadas, queira esclarecê-las no exame das *Notas* seguintes do texto” (1868, p. XIX).

⁵ “Fernão Rodrigues Lobo Soropita estudou e licenciou-se jurisconsulto em Coimbra” e, mais adiante, “Graduado em leis, passou a exercitar a advocacia em Lisboa, ainda em vida do cantor do Gama” (*Ibid.*, p. XXI).

⁶ Também neste passo há incongruências no texto da edição que consultámos, pois se no corpo do texto se lê: “A terceira data é do artigo intitulado *Párrafo notavel sobre as Barbas d’esto mundo*, o qual, por inducções que daremos em *Nota*, só podia ser escripto depois de 1606” (*Ibid.*, p. XXVIII), na respetiva nota encontra-se a seguinte explicação: “Os oculos, chamados de Jacques, ou de *longa vista* ou *de alcance* foram inventados por Jacques Metz, e seus filhos, oculistas em Hollanda, em 1609. É evidente que Soropita escrevia depois d’aquelle anno” (*Ibid.*, 164-165).

⁷ “Certeza ha uma só: é a da sua conversão. Se foi fiel á divina graça, se recahiu, não sabemos. Provavelmente manteve-se” (*Ibid.*, XXI [sic]).

⁸ “Temos ainda outra certeza maxima e indefectivel: é a morte de Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Quando? Alguma vez, o acaso ou diligencias melhormente encaminhadas descobrirão o anno de sua morte a mais esclarecidos escrutadores. Pelo que nos diz respeito cançamos de investigar” (*Ibid.*). Ainda que continue sem se conhecer informação precisa sobre a data de morte do autor, no artigo que lhe dedica no recentemente publicado *Dicionário de Camões*, Sheila Moura Hue afiança: “Em 1616 ainda vivia, pois

A escassez de factos biográficos coligidos por Camilo é, no entanto, compensada pelo encómio das apreciações que faz sobre as qualidades intelectuais e poéticas de Fernão Rodrigues Lobo e sobre a variedade e o interesse intrínseco da sua obra. O editor oitocentista elogia rasgadamente o pioneirismo de Soropita que “homem de letras, ainda moço, também poeta [...] preambulou, e deu a um livreiro, para que as estampasse, as *Rimas* do cantor d’*Os Lusíadas*” (*Ibid.*, s.p.). Para mais, Castelo Branco chama a atenção para o ato de coragem que representou a edição das *Rimas* de Camões apenas quinze anos volvidos sobre a sua morte,⁹ apresentando a empresa levada a cabo por Soropita como um serviço patriótico:

Não nos deteremos a ponderar o serviço que Fernão Rodrigues prestou ás letras da sua patria, cuja autonomia, para o dizermos á moderna, se cifrava nas glorias do espirito, supervivente ás desgraças da nacionalidade perdida. (Castelo Branco, 1868, p. xxiv)

Pronunciando-se sobre a qualidade de Lobo Soropita como escritor, Camilo não hesita em alcandorá-lo a pináculos de fama que todavia a posteridade não lhe reconheceu:

Singela, conscienciosa e unicamente diremos que Fernão Rodrigues Lobo Soropita é dignissimo de emparelhar com Mirandas, Caminhas, Ferreiras, Bernardes e Camões no grave, terso, vernaculo e sentencioso da poesia. Na prosa festiva e galhofeira não conhecemos coevo que se lhe avantajasse.¹⁰ (*Ibid.*, p. xxxviii)

O legado literário de Fernão Rodrigues Lobo é, de facto, razoavelmente abundante e diversificado. Para além de ter escrito o célebre “Prologo aos leyttores” da primeira edição da lírica de Camões, impressa com o título classicizante de *Rhythmas*, em 1595, por Manuel de Lira, às custas de Estevão Lopes, peça fundadora da crítica camoniana, Soropita alcançou fama entre os autores coevos quer como autor de prosa, quer como verzejador. No que toca à poesia, cultivou vários géneros – sonetos, elegias, glosas, hinos, labirintos, odes, sátiras e capítulos – abordando um leque diversificado de temá-

o livreiro Domingos Fernandes refere-se a ele, em um prólogo, como advogado atuante na corte” (Hue in Silva, 2011, p. 909).

⁹ “Não receamos, pois, afirmar que Rodrigues Lobo podia conhecer e tratar Luiz de Camões, que sobreviveu a D. Sebastião vinte e dous mezes. No prologo das rimas não transparece idéa que nol’o dê amigo ou conhecido do grande poeta; assim é; expliquemos, porém, o silencio de Soropita com a verdade triste e vergonhosa de que, passados dezeseis anos, depois que a ingente lampada se apagára na noite geada e horrenda da pobreza, não era ainda gloria vir um poeta estadear-se em publico com a jactancia de ter apertado a mão desvalida de Camões” (Castelo Branco, 1868, pp. xxxvi-xxxvii).

¹⁰ Na apreciação que faz sobre a prosa de temática jocosa de Rodrigues Lobo, a opinião de Camilo coincide com a já expressa por D. Francisco Manuel de Melo no *Hospital das Letras*: “Foi Poeta mestre e, quando não escrevera mais que os seus desvarios, bem se vê que quem desvariando acertava daquele modo, quanto acertaria atinado!”

ticas desde as de cariz religioso até às de matriz profana, avultando os temas do amor (petrarquista e antipetrarquista), da mudança, do desconcerto, mas também a crítica social feita em tom jocoso e satírico. Em prosa, Rodrigues Lobo legou-nos uma espécie de “crónicas de costumes” e sobretudo cartas, muitas delas acusando o modelo camoniano, em relação às quais Sheila Moura Hue se pronuncia considerando que “o abundante léxico, os anexins, ditos, apotegmas e a prosódia particular não têm paralelo entre os prosadores portugueses quinhentistas” (Hue *in* Silva, 2011, p. 910).

Não sendo finalidade deste trabalho proceder a uma análise englobante da produção literária de Fernão Rodrigues Lobo, decidimo-nos pelo comentário de dois textos do autor – um em prosa e outro em verso – que, em nosso entender, deixam perceber a capacidade criativa de Soropita, ao mesmo tempo que revelam uma das facetas que consideramos mais originais da sua personalidade poética. Referimo-nos ao texto em prosa intitulado “Carta de um negro a uma dama com um soneto”, publicado pela primeira vez por Camilo Castelo Branco; e à elegia “De um negro namorado para sua negra dama”, oriundo do Cancioneiro Fernandes Tomás e que consultámos na edição da *Poesia Maneirista* preparada por Isabel Almeida para a coleção de textos literários fundada por Maria Alzira Seixo e dirigida por Manuel Gusmão a que já antes fizemos menção.

As afinidades temáticas entre os dois textos são evidenciadas a partir dos respetivos títulos que retomam personagens e situação um do outro. Em ambos os casos, o autor parodia o tema da saudade e da angústia provocadas pela separação dos amantes, elegendo como protagonistas atores sociais que relevam da nova composição etnográfica do Portugal pós-Descobrimentos.

Na “Carta”, onde numa manifestação não gratuita de virtuosismo Rodrigues Lobo combina a prosa e o verso, um negro inominado queixa-se das “saudades que se empoleiraram” nele e que lhe “esgaravatam” o coração, deixando-o atolado em tristeza. Como remédio para tal mal, o remetente da carta reclama o favor de ver a sua bela dama, numa aparente obediência à cartilha petrarquista fundada na erótica da contemplação:

Desde que jaso nessa terra, foram tão damninhas as saudades que se empoleiraram em mim que [...] só vossa vista, como alveitar de meu desejo, poderá cural-as. (Castelo Branco, 1868, p. 9)

Falamos em aparente obediência ao cânone petrarquista porque o pendor satírico e burlesco do texto não deixa margem para outras interpretações. Com efeito, o léxico utilizado na carta, bem assim como as metáforas criadas para referir a beleza feminina afastam-se totalmente da subtilidade dos termos normalmente usados para descrever a dama ou para dar conta dos efeitos devastadores da dor da separação. Na carta de Soropita, a formosura da dama é “mais luzente que a [...] limpa bacia de um barbeiro, e mais clara que agua fresca em caldeirão areado”; e, caso tenha a felicidade de vir a obter resposta da amada ausente, tal resposta será para o negro amoroso “mais saborosa que

migas de azeite com vez de vinho em cima”. Trata-se, de facto, de vocabulário disfórico, cujo objetivo não pode ser outro que parodiar o modelo, lançando mão a recursos mais apropriados ao discurso cómico do que ao encómio lírico.

O mesmo efeito é alcançado através da inclusão de um soneto na carta. Se por um lado tal procedimento remete para uma prática comum aos autores do período literário em causa, prática essa que se acentuará e ganhará maior expressão nos textos narrativos de ficção do período barroco, por outro, ele funciona como mais um recurso ao serviço do cómico já porque o seu autor confessa uma profunda inabilidade poética (“Não ha ahí mais que dizer senão que o soneto, que com esta vai, me custou a cravejar, o que Deus sabe;”), já porque todos os versos que compõem o poema revelam a falta de subtilidade, a rudeza e o prosaísmo de linguagem de que já antes falámos, o que atinge a sua expressão máxima no último verso do segundo terceto, através da animalização a que o sujeito da enunciação é reduzido:

Amor por vosso amor me açouta e pinga;
E, depois de me ter por vós assado,
Cada vez contra mim mais emperrado
Não sei que birras são as que em mim vinga!

O coração, que nunca lhe respinga,
Às peias, que lhe poz, já costumado,
Quer mais immanquecer neste cuidado
Que quanto vem do Congo e de Mandinga.

Assim, morro por vós; e tanto em graça
Tomais vós esta dôr que me fatia,
Que não ha quem de mim lembrar-vos faça.

Até que em tantos dias venha um dia,
Que, queixando-me ao som d’uma almofaça,
Me acabe de espirar na estribaria.

O segundo texto selecionado, a elegia “De um negro namorado para sua negra dama”, recria quadro idêntico ao da “Carta”: o negro Luís, afastado de sua negra dama Luísa, estiola de saudade e dor face à impossibilidade de gozar da presença da amada.

Referindo-se a esta elegia, Sheila Moura Hue invoca o modelo camoniano sugerindo que a composição de Soropita seja um exercício “humorístico” de emulação das endechas a Bárbara escrava. Não discordamos da apreciação já que, à semelhança dos versos de Camões, também neste texto a beleza exótica da negra é hiperbolicamente encarecida por comparação com a beleza canónica da mulher branca de cabelos louros. Soropita desdobra-se em comparações entre os dois padrões de mulher, manifestando clara preferência pela novidade invulgar da beleza negra:

[...]

em toda a branca e a negra gente
 Não há de fermosura mor tesouro,
 Cara não há que a mi mais me contente.
 Louras madeixas de cabelos de ouro
 Podem viver com esse retrocido,
 Desfea a rosas o teu negro couro,
 O colo de alabastro guarnecido
 Traz os sentidos presos e contentes,
 Não com branco alvaiade exalvicido.
 Os olhos são muito mais excelentes,
 E os beijos que te pendem de mimosa
 Mostram os alvos e fermosos dentes,
 E claro logo está quanto és fermosa.

Porém, é visível no poema de Fernão Rodrigues uma clara intenção satírica e cômica que extravasa os propósitos da composição de Camões. Talvez o prefaciador das *Rhythmas* tenha tomado outros textos camonianos de empréstimo, uma vez que na “Elegia” é possível reconhecer, por exemplo, a referência à figura feminina enquadrada no seu contexto quotidiano como acontece no “tríptico a Leonor” do autor quinhentista. Contudo, ao contrário de Leonor, a negra Luísa é captada em situações pouco dignas e nada poéticas: ela é vista a vender tremoços e a esfregar panelas (“Pois qual preta com ar mais prazenteiro / Tramoço doce vende, arame esfrega?”) quando não a despejar o vaso de noite (“Que coração tão duro e tençoeiro / Não abrandara, se cantar te ouvira / Quando ias lavar o calhandreiro?”).

A comicidade do poema de Fernão Rodrigues Lobo é ainda acentuada na última vintena dos versos que o compõem nos quais o poeta brinca com as possibilidades semânticas do lexema “negro”, construindo uma rede de trocadilhos entre os significados literais e figurados que a palavra pode ter. Assim, “negro” surge como substantivo ou adjetivo designador de raça ou de etnia; mas surge também como sinónimo de “dificuldade” e de “maldade”: “Sai pois, ó negra voz, do negro peito, / Leve-te o negro amor à negra dama, / Negra de quem estou já negro feito, / Que a quem de negra o negro amor inflama, / Bem negro é, e bem negra a ventura / De quem de negro, negramente ama”. A propensão para o lúdico revelada por Soropita neste poema acentua-se ainda com o acumular de vocábulos criados a partir da raiz de “negro”, os quais não têm no texto outra função que não seja provocar um efeito cômico: “Negragem, negrignonia, negregura, / Negrura, negraria, negramento, / Negrança, negraça e negradura / São e terão em negro sentimento, / Enquanto em mi durar amor negreiro, / Negros azos do meu negro tromento”.

Saliente-se, por último, a particularidade de esta elegia constituir um interessantíssimo documento de época não apenas pela inclusão de vocábulos novos, claramente

introduzidos na língua portuguesa em consequência dos contactos mantidos com povos de outros continentes (*berimbau, coscuz, inhame*), mas também por ser um testemunho de época da heterogeneidade do tecido social do Portugal dos séculos XVI e XVII (“Ela é negra ladina e eu sou boçal”) e do fluxo migratório constante entre o reino e os territórios descobertos (“Quero bem à primeira caravela / Que trouxe negros cá a Portugal”).

Retomando o título que demos a este nosso texto, terminaremos afirmando a dupla condição de Fernão Rodrigues Lobo Soropita enquanto personalidade da cultura portuguesa. Iniciador dos estudos camonianos através do comentário crítico que faz no Prólogo da edição *princeps* das *Rhythmas* de Luís Vaz, esse foi o estatuto com o qual a posteridade o consagrou. Todavia, os textos de que foi autor não deixam de revelar uma personalidade literária com qualidades intrínsecas próprias que justificam o entusiasmo com que tantos comentadores ao longo dos séculos foram recebendo a sua obra. Impõe-se, pois, evitar que o fascínio justamente provocado pela genialidade de Camões se traduza no silenciamento total dos seus contemporâneos.

Referências

- Almeida, Isabel (1998). *Poesia Maneirista*, apresentação crítica, seleção, notas e sugestões para análise literária. Lisboa: Editorial Comunicação.
- Castelo Branco, Camilo (1868). *Poesias e Prosas Inéditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita*. Porto: Livraria Nacional.
- Machado, Diogo Barbosa (1747). *Bibliotheca Lusitana*, Tomos I e II. Lisboa: Oficina de Ignacio Rodrigues.
- Silva, Inocêncio Francisco da (1859). *Dicionário Bibliographico Portuguez*, Tomos I e II. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Silva, Vítor Aguiar e (Coord.) (2011), *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Caminho.
- Silva, Vítor Manuel Pires de Aguiar e (1971). *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos.